



O Tareco escritor e o Cinza cantor



Portalegre, 7 de Maio de 2013

No dia 9 de Janeiro de 2011 escrevi este conto para o meu filho, tinha ele 12 anos. A Carlota pediu-me que lhe escrevesse uma história e foi esta que eu imaginei.

Desde então tinha um sonho: partilhá-lo com algumas crianças. Esse opportunity surgiu na biblioteca de Montate, no dia 25 de Maio de 2013, contei esta história a uma grupo de crianças que me ouviram atentamente.

Beijo, mas muito obrigado a todos vós!

Paulo de Conceição Ribeiro



Numa noite de temporal, ouviu-se um barulho numa rua de uma cidade chamada “Bem-Me-Quer”. Que barulho seria aquele? De repente, um bichinho que embora não conseguisse abrir os olhos por ser ainda tão pequenino, procurava desesperadamente uma maneira para sair dentro do caixote do lixo. Ali ele não podia continuar, porque quase não conseguia respirar. Pôs as suas pequeninas garras de fora e esgravatou por entre o lixo até se conseguir libertar. Cheirava mal...garrafas, sapatos rotos... ele fazia parte daquele lixo, daquele lixo derrubado pelo vendaval numa noite de temporal.

- Acooorda!!! - disse-lhe o Cinza.

- Oh não, outra vez aquele pesadelo! Nunca mais me livro dele! - exclamou o Tareco

O Cinza era um ratinho que naquela noite procurava comida, quando um caixote do lixo caiu ao seu lado, fazendo um grande estrondo. Assustado, ouviu uma chiadeira terrível saindo da boca do caixote e escondeu-se atrás da roda de um carro. Espreitando, viu o que lhe parecia ser um ratinho todo sujo. Correu até ele e, chegando perto, recuou logo em seguida.

- É um gato!!! O que faço? A minha mãe aconselhou-me a nunca me aproximar dum gato, pois é o nosso maior inimigo.



O gatinho olhou para ele igualmente assustado, pois este era o seu primeiro dia de vida em cima daquele passeio molhado e sujo como ele. O olhar de ambos gritou-lhes a primeira palavra, a palavra cujo significado mais tarde eles haveriam de conhecer. Sabes qual? A palavra “Amizade”.

- Faz hoje 6 anos, Cinza, que nos conhecemos. Começaste a chamar-me de Tareco, por eu nunca estar sossegado e só querer brincar. Salvaste-me naquela noite fria e ensinaste-me a viver na rua para conseguir sobreviver. Vivemos um ano na rua, lembras-te?

- Claclaclaro que me lembro! – respondeu o Cinza, um ratinho que tinha ficado gago por causa de um grande susto que apanhou. Um susto que eu vou agora contar-vos como aconteceu.

Ora bem, passado um ano de os dois se terem conhecido e depois de terem corrido todas as ruas da cidade, encontraram finalmente um abrigo. Uma mansão desabitada, situada numa linda avenida com muitas laranjeiras cobertas de flor. Naquela casa haviam vivido gatos, pois uma das portas traseiras tinha uma pequena entrada em forma de meio círculo para que eles entrassem e saíssem quando lhes apetecesse. Foi por lá que eles entraram. Depois de explorada a nova habitação e chegada a noite, o Cinza esburacou o colchão duma cama e passou a dormir aí. O Tareco escolheu dormir num sofá, mas não tinha poiso certo: ora dormia aqui, ora no tapete de lã estendido aos pés da cama do Cinza. Um dia, um gatarrão felpudo e despenteado entrou por uma das janelas rés ao chão, cujo vidro estava partido. O Tareco tinha ido à rua procurar alimento e o Cinza tinha ficado a pôr a mesa. Quando ia buscar à cozinha umas latas de sardinha vazias que serviriam de pratos, foi surpreendido pelo bicho. Este lançou-se-lhe num salto e as suas garras, após várias tentativas, prenderam-lhe a cauda. O Cinza, desesperado, derrapava com as suas patinhas no chão da cozinha com toda a força que conseguia. Nisto chega o Tareco que, assim que vê o amigo em apuros, manda ao ar as lulas que tinha fanado no mercado e lança-se ao gatarrão. Enquanto lutavam, o Cinza aproveitou a confusão e libertou a sua cauda. Saltou para cima da mesa, pegou num jarro com água fria e atirou-a para cima do gatarrão. Este, que não gostava nada de água, quando a sentiu, oh patas para que te quero! Pegou nelas e fugiu! A primeira palavra que o Cinza emitiu depois daquela confusão foi “conconcon”...e nada de concluir a palavra.

- Foge, meu! – disse o Tareco.

- O que se passa contigo? Engoliste a língua?



Foge, meu! – disse o Tareco.

- O que se passa contigo? Engoliste a língua?

- Conconcon...seguímos!!! – repetiu o Cinza com relativo sucesso.

-Amigo, ficaste com a língua presa! Temos que ir à noite à farmácia procurar um remédio para a tua língua – disse-lhe o Tareco preocupado.

Trouxeram remédio para as aftas, desinfetante para a boca, pasta de dentes e nada, nada resultou. Nada soltou a pequena língua do ratinho Cinza, coitadinho...tinha ficado gago.

A vida continuou com os dias sempre passados da mesma forma. Já estavam aborrecidos por os dias serem sempre iguais. Andavam da cama para o sofá, do sofá para o tapete, do tapete para a cozinha, um passeio até à esquina, o saque dum comidinha, até que resolveram um dia à tarde, a medo, superar este terrível sentimento que os impedia há um tempo de empurrar uma porta, a porta do sótão e bisbilhotar o que ele guardava.



Entraram e viram teias, pó adormecido no chão e nuns lençóis que cobriam uma coisa... cobriam o quê? Para satisfazer a sua curiosidade, puxaram com os seus dentes os lençóis e descobriram uma coisa grande com uns dentes pretos e brancos dos quais saía um som assim que o Cinza passava por cima deles. O que seria aquilo? De um canto surgiu uma voz fininha e doce que disse:



- O que acabaram de descobrir chama-se Piano!

Pata-ante-pata, caminharam até ao canto de onde vinha a voz e apresentou-se-lhes uma aranha com uma dúzia de elegantes pernas.

- Aaaah! És então tu a artista de todos estes bordados espalhados por aqui? - perguntou o Tareco.

- Sim - disse ela timidamente - Há meses que bordo pautas de música na esperança de que alguém as preencha com a letra de uma canção. O som que ouviste, Cinza, foi a voz do Piano.

- Cococococo como te chamas? - perguntou Cinza.

- Carolina - respondeu ela.

Neste dia nasceu mais uma amizade, uma amizade entre um gato, um rato e uma aranha.

No dia seguinte, os dois amigos tomaram o pequeno-almoço rapidamente e subiram as escadas que terminavam na porta para o sótão. Entraram e admiraram as belas teias que ondulavam ao sabor do vento que corria por ali. Limparam o pó ao piano com um lençol e, admirando-o, disseram:

- É bonito!

Chamaram a Carolina e ela respondeu mesmo do cimo das suas cabeças. Estava a bordar outra teia. Os dois, curiosos por saber algo mais sobre o Piano, pediram à Carolina que lhes contasse a sua história. Ela desceu de um fio e poisou no banco que fazia par com o seu amigo Piano. O Tareco e o Cinza sentaram-se no chão para ouvir a história.

Ela começou assim:

- Nesta casa viveu uma família com muitas idades. Eram muitos e faziam desta casa uma casa alegre. As crianças corriam, escorregavam pelo corrimão desde lá de cima, ao fim-de-semana, cheirava a cozinhados assados no forno e a arroz doce e, ao Domingo à tarde, os amigos dos meninos juntavam-se cá e brincavam às escondidas. Infelizmente muitas das minhas amigas aranhas morreram esmagadas pelas empregadas cá da casa e viram destruídas as suas obras d'arte. Eu fugi cá para cima e escondi-me atrás daquela arca. Continuei a bordar as minhas teias, mas escolhi os sítios mais escondidos para que elas não as destruíssem. A filha dos senhores, a Beatriz, tocava músicas muito bonitas todas as noites depois do jantar. Tinha, na altura, 10 anos e os seus 10 dedos dançavam nesta barra preta e branca que vocês aqui veem que se chama teclado. Ela tocava muito bem e eu aprendi a tocar piano por ouvir a menina tantas vezes. Um dia consegui aprender a tocar a minha música preferida. Nos dias de chuva, toco-a sempre para que o meu amigo Piano fique feliz.

Para espanto dos dois amigos, começou a tocá-la com as suas pernas em cima das teclas. Estava dançando!... Quando terminou, fez-se silêncio, um silêncio deslumbrante. Sabem porquê? Porque o Cinza conhecia a letra daquela música. Ouvia-a muitas vezes quando frequentava uma escola de música à procura das migalhas que sobravam do lanche dos meninos músicos e cantores. Nunca chegou a conhecer pessoalmente quem cantava aquela canção, mas, naquele momento, teve vontade de cantá-la e cantou-a!

Magicamente! Vocês que estão a ouvir-me, sabem o que aconteceu magicamente? Magicamente ele soeou, na perfeição, cada palavra daquela canção. E que voz linda ele tinha!

Quando o Cinza acabou de cantar ficou surpreendido e pensou:

- Quando eu canto não gaguejo! Estou curado!!

O Piano, a Carolina e o Tareco ficaram calados, mas todos ficaram a pensar no mesmo:

O que estaria a passar-se? Teriam a Carolina e o Piano um dom? E o Cinza também?

Todos concluíram que sim. O Cinza chorou e todos choraram, provocando um mar de lágrimas. Eram lágrimas de alegria...e cada uma delas foi caindo numa teia que ligava o pé do banco ao pé do Piano. Adormeceram.

Na manhã seguinte, a luz do sol que entrava pela janela acordou o Tareco. Ao acordar, olhou para a teia coberta de gotas de lágrimas e viu algo surpreendente e mágico. A teia do dia anterior estava diferente, estava enfeitada com umas bolhinhas transparentes que brilhavam com o sol. Mais surpreendido ficou quando viu que formavam uma palavra:

- “Vi-da” – leu ele.

- Vida! Foi o Cinza que me salvou a vida naquele dia em que eu estava misturado com o lixo! – exclamou.

Nisto, ele acordou a Carolina e pediu-lhe que lhe explicasse o que tinha acontecido à menina que tocava o Piano.



- Bem - começou ela - a menina começou a ficar doente. Não tinha força nas pernas, não conseguia manter-se de pé. Levaram-na para um hospital, para outro, para mais outro e a menina estava sempre na mesma. Até que partiram à procura da cura lá muito longe. Gastaram todo o dinheiro que tinham, mas não a conseguiram salvar. Foi uma tristeza quando voltaram. A primeira coisa que fizeram foi trazer o Piano para aqui e taparam-no para não o verem quando precisassem subir ao sótão. Uns meses depois, guardaram tudo e partiram desta casa. Tudo isto foi o Piano que me contou.

O Tareco lembrou-se novamente daquela palavra, "Vida", lembrou-se também de quantos gatinhos já tinham morrido por não terem alguém que os salvasse e lembrou-se de como os seus pais que, tal como os pais da Beatriz, teriam já sofrido por terem visto os seus filhos partir tão novos. Interrogou-se então de que forma ele poderia ajudar alguém.

A Carolina dava vida ao Piano ao tocá-lo, o Piano dava vida à Carolina ao motivá-la para tecer pautas de música, o Piano e a Carolina deram uma nova vida ao Cinza ao permitir-lhe saber que, cantando, se sentia um rato mais feliz, um rato que não gaguejava. O Cinza devolveu-lhe a vida sendo seu amigo, amigo dum gato. E ele?

Ele descobrira aquela palavra...VIDA!



Numa noite, quando todos dormiam, o Tareco entrou no sótão e aproximou-se das teias. Olhou para elas atentamente e fez-se magia outra vez. Ele descobriu mais uma palavra, mais outra, saltou para outro canto, para o teto e memorizou todas as palavras que conseguiu ler nas teias que enfeitavam as paredes e os móveis. Juntou-as e escreveu um poema sobre a amizade. Com as suas unhas deixou-o gravado no chão de madeira. Escreveu também uma mensagem para os seus amigos, na qual pedia à Carolina que criasse uma música para o seu poema, que a tocasse no Piano e que o Cinza a cantasse. Partiu. Partiu à descoberta da vida, à descoberta de gatinhos que, como ele, estariam destinados a não viver se não aparecesse um amigo. Ele sentiu-se tão feliz que nunca mais teve pesadelos.

Monforte, 25 de Março de 2013

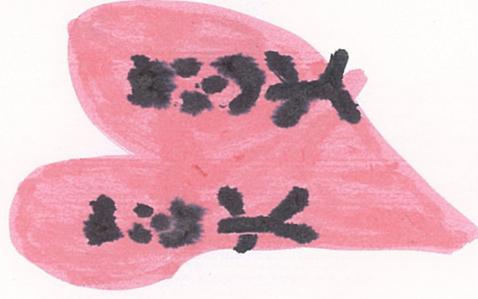


o que é a amizade?

Podemos ser diferentes pois



SOMOS



ESPECIAIS

COMO
SOMOS

Podemos ser especiais com nome.

Ricarda Linheira

Et amizade

~~Et amizade é:~~

Per um amigo do nosso lado,

é como ter um tesouro bem guardado.

Per com quem cantar,

parece brincar e falar.

Tra uma vez 3 amigas, elas foram em busca de uma aventura; e separar a mimas.

Encontraram muita outra coisa, como eram muito

Um dia, iam sendo atingidas por pedras mas, um menino desviou (salvou) isso é a amizade.

Depois de esse acidentemente desistiram serem poetas e, fizeram a seguinte:

Sem amigos

e nesse mundo ~~estamos~~

sozinhos até ao fundo

de um copo sem magia, ~~sem~~ alegria...

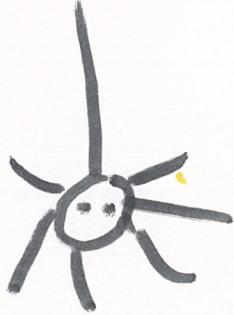
É, daí em diante os amigos

partilham a alegria.

Estória Inês

Que é para ti a amizade

Card. 3





FRANCISCO JOÃO

Mano Franalho

Manuel Franalho

LOCALIDADE:

Chonforte

GUERRA
NÃO



Amizade

Lim

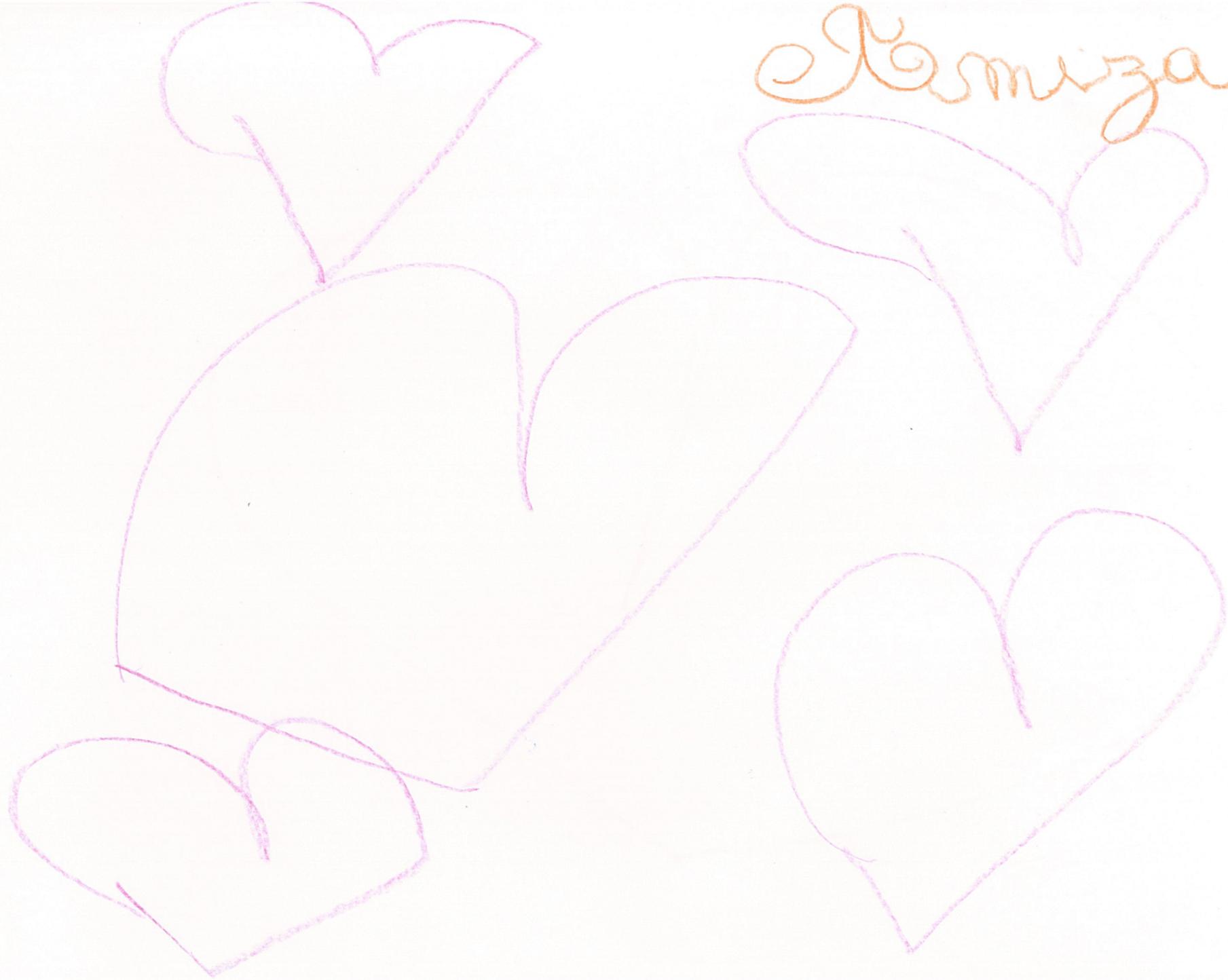
25/3/13



VINHA À AMISADE



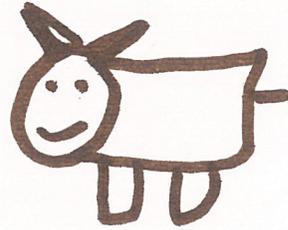
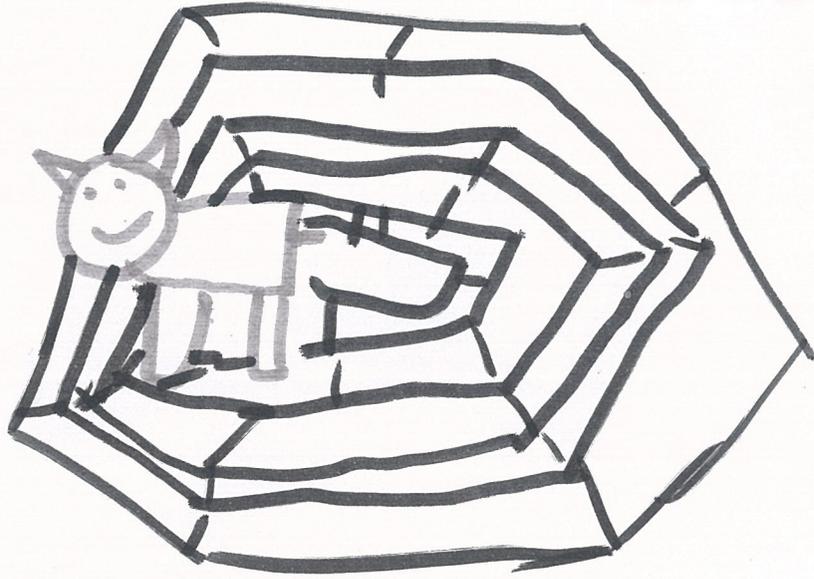
Kormizade





se

amizade e
todas as amizades
partilharmos e
as coisas



Hand-drawn illustration of a cat, a cow, and a mouse.

João Filipe





Guilherme Terra
Brandão





eu



Pai



amigos



vizinha



prima



amizade



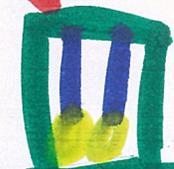
natilde

Margarida da Patrícia



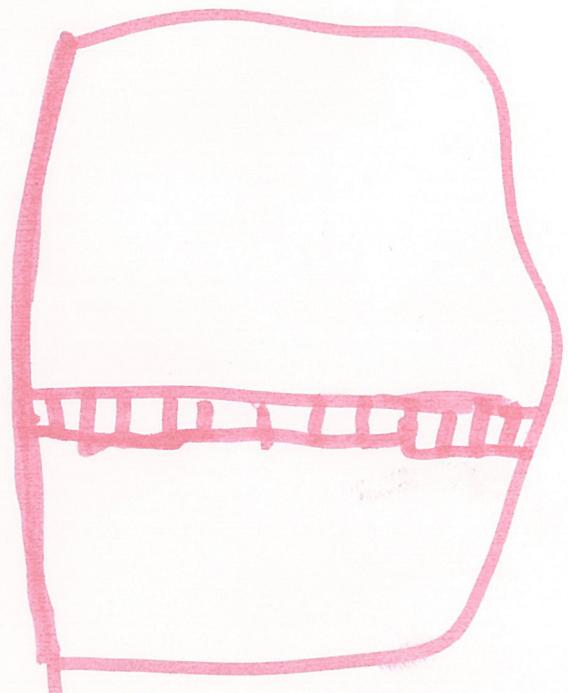
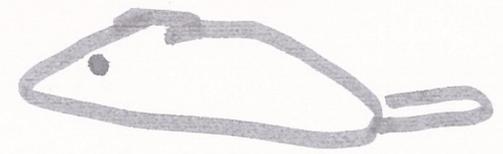
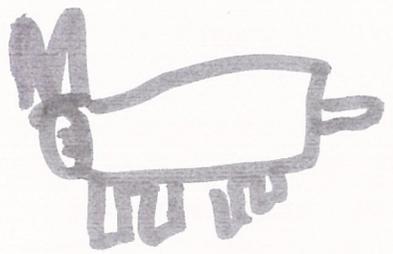
amizade
faz
sempre

amizade





Mãe sobria Santos
Adriano





amigos familia

amigos

amigos
Amor

